

**MARCOS FORMIGA**

**BRASIL E NORDESTE: PRONTOS PARA O FUTURO?**

Nossos cumprimentos à jornalista Rosa Freire d'Aguiar Furtado, coordenadora da mesa, e a todos os colegas que compõem a sessão final deste marcante Seminário. Saudações aos estudantes e professores aqui presentes. É sempre bom celebrar o Nordeste, de modo especial, em nome do seu personagem principal, por ocasião dos 50 anos de lançamento de *Formação econômica do Brasil* e, também, de criação da Sudene, mesmo aos “trancos e barrancos”. É sempre bom lembrar e inspirar-se em Celso Furtado.

Estamos aqui com muita satisfação, tentando fazer esse exercício de otimismo que o nosso prezadíssimo – e contemporâneo de Celso – José Aragão acaba de afirmar. Foi oportuno Paulo Guimarães, representante do BNDES – embora não tenhamos aqui a presença do seu presidente, o nordestino Luciano Coutinho – mostrar que o Banco também traz números otimistas. Esperamos que voltem aos índices áureos do BNDES na região. Nos primórdios do BNDE, esses números chegaram a 25% do total dos seus recursos aplicados anualmente. Como aqui foi registrado, a média nos últimos anos tem sido em torno de 6% a 7 %. Atualmente, temos uma recuperação visível, tanto em valores absolutos quanto em valores relativos, mas valeria a pena um reforço na determinação constitucional de regionalizar esse orçamento. E se assim for, os R\$ 15 bilhões ou R\$ 17 bilhões previstos para o ano em curso chegariam, no mínimo, a duplicar. A região precisa e clama pela regionalização do orçamento como cumprimento da determinação constitucional.

Não se pede o imponderável. A região precisa de bons e estruturantes projetos. E o BNDES se constitui hoje não só o maior agente de financiamento do processo produtivo brasileiro, como também é uma referência internacional. Para quem conhece os valores que movimentam o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Banco Mundial (BIRD), constata-se serem inferiores ao orçamento previsto pelo BNDES para o ano de 2009, na casa de R\$ 120 bilhões. Portanto, o BNDES, em operações, já é maior do que o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento. Ademais, reconhece-se que o BNDES tem uma história muito ligada à industrialização do Brasil.

Gostaríamos, em nossa reflexão, de trabalhar com aquilo que deu certo na região. Do megaprojeto de Celso Furtado, ele mesmo reitera em seus escritos, foi com a industrialização que a região obteve maior sucesso. O BNDES foi um

parceiro inseparável nesse processo e continua a ser. E juntamente com ele, surge uma série de instituições. Vale lembrar, aqui, a Capes e o CNPq, que são contemporâneos, quase da mesma idade. De todas essas instituições de Estado, o economista baiano Rômulo de Almeida foi artífice e permanente inspirador. Mas não custa lembrar que os investimentos na área de ciência e tecnologia, principalmente na área de ciência, fizeram do Brasil o 13° país em produção de artigos científicos. No PIB científico mundial – se é que podemos elaborar um PIB científico mundial –, o Brasil participa com mais de 2%. Esta participação é superior, proporcionalmente, ao que representa o PIB econômico de bens e serviços do Brasil em comparação com a economia mundial como um todo. Foi esse esforço conjugado de agências federais e estaduais que nos deu suporte para, em pouco mais de 50 anos, galgarmos posições e ficarmos entre os 20 maiores produtores de ciência no mundo.

Lamentavelmente, não tivemos o mesmo sucesso em outro vetor determinante da industrialização que a indústria brasileira tanto precisa. Enquanto os dados são muito favoráveis ao vetor científico, o componente tecnológico mostra um desempenho ainda incipiente. Em recente estudo ficamos em 47° lugar na lista de desenvolvimento tecnológico de 60 países. E, no início do ano, a revista *The Economist* lançou um estudo que coloca o Brasil em 53° lugar em prontidão tecnológica, outro indicador importante, mas não há aqui tempo suficiente para falar mais detalhadamente sobre isso.

O que acontece nesses 60 anos de Capes, CNPq? Lembrem-se de que a Finep é uma espécie de “costela de Adão” do próprio BNDES, saiu de lá no final da década de 1960. Novamente, o BNDES – quem atua na área de ciência e tecnologia pode afirmar sem medo de errar – constitui a maior agência de financiamento de ciência e tecnologia no Brasil. Não é Capes, não é CNPq, nem é a Finep: é o BNDES.

Tais constatações demonstram a força do BNDES para realizar a difícil e necessária mudança do vetor. Não podemos abandonar o desenvolvimento científico. Ele vai muito bem e deverá continuar. Mas, precisamos fazer uma revisão dessas prioridades. O desenvolvimento tecnológico, portanto, traz uma nova agenda. Um novo cenário, tanto para o Brasil, como para a Região Nordeste.

E estando no Nordeste não podemos deixar de falar em capital humano. Os dados apontados ontem pelo professor Jair do Amaral, e os comentários da Tania Bacelar, são reiterados por todos os estudiosos ao endossar a existência de uma dívida social imensa com o panorama educacional brasileiro. Essa é nossa

opinião e, sem dúvida, é a situação mais crítica da região e do País. Avançamos quantitativamente, sem dúvida, nos últimos anos. A universalização numérica cresceu seguidamente. Mas não conseguimos ainda agregar à quantificação do atendimento, a indispensável e obrigatória qualidade na educação. Se foi possível industrializar-se com baixa escolaridade nos anos 1950, isso se deve ao trabalho competente do Senai, pois não havia empresários formados nem operários treinados. A partir de 1942, o Senai foi o grande propulsor da formação de recursos humanos para a indústria. Para continuarmos como potência industrial que somos hoje – a décima maior indústria do mundo e, conseqüentemente, a oitava maior economia (há uma relação direta entre a força da indústria e a força da economia) – será exigida uma nova agenda. Mais escolas, maior escolaridade, maiores investimentos em recursos humanos. *O atual panorama educacional brasileiro não é suficiente para dar conta desse desafio.*

Há uma imperiosa necessidade de repensar e agilizar os investimentos em educação. Investimos muito pouco: apenas 3,8% do PIB, sem falar na ineficiência da gestão desses recursos. Se se faz uma análise, todos os países que hoje são referência investiram muito durante décadas – estivemos recentemente na República da Coreia e analisamos esses dados: a Coreia cresceu 9,2% entre 1963 a 1993, ou seja, durante décadas. Verificamos os investimentos lá realizados: a média anual foi de 8% em educação. Essas diferenças explicam, em parte, por que a Coreia chegou aonde chegou e por que o Brasil apresenta sérias deficiências em recursos humanos.

Outro dado que chama a atenção, quando nos dirigimos a estudantes de economia em uma comunidade predominantemente composta de economistas, como aqui, é que devemos dizer, com todas as letras, *precisamos de mais engenheiros*. O Brasil descuidou-se e está perdendo a batalha pela formação de engenheiros. Mais uma informação: formamos 34 mil engenheiros por ano. Mas o País precisa de mais. Há uma carência de 70 mil engenheiros. *Com formação deficiente, especialmente nas áreas de matemática e de ciências, os jovens brasileiros pouco se interessam pela engenharia*. Conseqüentemente, a maioria dos jovens brasileiros, ou mais de dois terços dos universitários, optam por cursos da área de humanas e sociais. *Temos de inverter essa matriz de formação de recursos humanos no Brasil*. Essa é a realidade brasileira. Volta o bom exemplo da Coreia. O país forma 80 mil engenheiros por ano e 29% dos seus universitários cursam engenharia.

*Precisamos de inovação e empreendedorismo*. E inovação se faz com engenheiro; idem o vetor tecnológico, que não conseguimos ainda alavancar suficientemente.

A métrica para quantificar o crescimento tecnológico é o número de patentes e registro de marcas. E nesse particular nosso desempenho é modestíssimo.

Novamente, comparando com a Coreia. Em 2006, os coreanos registraram 4 mil patentes. No mesmo ano, o Brasil registrou 400 patentes, ou seja, aproximadamente 10% da capacidade de registro da Coreia. A partir desses dados, chamamos a atenção na construção de cenários para o Nordeste e o Brasil. Em tempos de globalização econômica não é possível elaborar o planejamento estratégico de um país ou de uma região de forma isolada. A época da “autarquia das nações” já passou. E o Brasil realizou essa tarefa com certa competência, por muito tempo.

Na construção de novos e próximos cenários, precisamos pensar em universidades de qualidade e de classe mundial. Não somos incluídos em nenhum *ranking* internacional. A universidade brasileira que mais se aproxima é a USP; no entanto, não satisfaz as exigências do que se chama universidade de classe mundial. Novamente, precisamos pensar e repensar a educação em todos os níveis, agregar qualidade, e nos preparar para a *singularidade* (conceito que vem da matemática) – em cenário futuro da humanidade –, que *representa o ponto em que a capacidade da inteligência artificial ou não biológica ultrapassará a capacidade de raciocínio de nós, humanos*. A singularidade já está próxima. Isto não é invenção de adivinhos e, sim, de um dos mais famosos cientistas da atualidade, Ray Kurzweil, também inventor, pesquisador e futurista que lidera um grupo recém-organizado, reunido na Califórnia, onde se estuda esse tema. O ano previsto para que isso aconteça, ainda sem muita certeza, é em torno de 2045.

Se a sociedade brasileira, pela *limitação da qualidade educacional*, ainda não foi capaz de desenvolver o talento dos nossos alunos, imagine daqui a 40 ou 50 anos, *quando essas crianças vão concorrer não apenas com os seus semelhantes, mas com máquinas artificiais que pensarão de forma mais ágil e mais rapidamente do que os humanos*. São advertências provenientes da Sociedade do Conhecimento para o Brasil e para o Nordeste a serem consideradas e encaradas com seriedade e responsabilidade coletiva.

Por último, os países se preparam para o futuro e são monitorados por indicadores absolutamente fáceis e possíveis de se quantificar para a chamada *Prontidão para o futuro*, que é a capacidade de acesso de todas as faixas etárias, desde crianças até a terceira idade, aos meios de informação e de comunicação. Trata-se da utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICS), na qual o Brasil ocupa uma faixa de 32% de Prontidão para o futuro, ou seja,

apenas um terço da população está apta aos desafios da economia do conhecimento. Os países nórdicos, citados aqui em várias palestras como exemplos da melhor educação que se pratica no mundo, estão na faixa de 93% de Prontidão para o Futuro.

Essas comparações não são para desanimar. São para mostrar que os desafios e os esforços que teremos de fazer serão muito maiores do que imaginamos. Portanto, a resposta concreta à questão inicial (*Brasil e Nordeste: estão prontos para o futuro?*) lamentavelmente ainda é NÃO. Tal constatação não é para pactuar com as circunstâncias; muito pelo contrário, se constitui em enorme desafio a todos brasileiros e nordestinos. Pensemos em construir o futuro como algo necessário e possível, mas é indispensável uma força maior do que a que a sociedade e o governo brasileiros estão realizando no presente momento.